



Marina declara apoio a Lula na corrida presidencial e atrela candidatura do petista aos compromissos com a defesa do meio ambiente. Além disso, abre um canal de interlocução com os evangélicos, cuja fé ela professa

Acordo supera as diferenças

» VICTOR CORREIA

A ex-ministra do Meio Ambiente Marina Silva declarou, ontem, apoio formal à candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva após 13 anos de **divergências políticas**. Ela reconheceu as discordâncias em relação ao PT, mas defende que o cenário atual de "democracia ou barbárie" pede uma união entre as correntes políticas e ideológicas próximas.

A aproximação de Marina com Lula é algo, segundo ela, natural, pois "do ponto de vista das nossas relações pessoais, tanto eu quanto o presidente Lula nunca deixamos de estar próximos e de conversar, inclusive em momentos dolorosos de nossa vida". "Manifesto meu apoio de forma independente ao candidato, ex-presidente e futuro presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva. Peço a Deus que a gente possa implementar aquilo a que estamos nos comprometendo agora", exortou Marina.

A ex-ministra considera que o momento atual é de "banalização do mal" e que a democracia está em risco. "Compreendo que, nesse momento crucial da nossa história, quem reúne as maiores e melhores condições para derrotar (o presidente Jair) Bolsonaro e a semente maléfica do bolsonarismo que está se implementando no seio da nossa sociedade, agredindo irmãos brasileiros, ceifando a vida de pessoas por pensar diferente, é a sua candidatura", disse a ex-ministra, dirigindo-se a Lula. A Rede Sustentabilidade, partido de Marina, tinha declarado apoio oficial ao petista e faz parte da coligação de 10 legendas que forma sua chapa.

Lula comemorou o apoio, afirmando que é "um dia histórico para o PT". A aproximação



Lula selo com beijo a confirmação do apoio de Marina. Geraldo Alckmin, vice da chapa, e Gleisi Hoffman, presidente do PT, aplaudem o acerto

Saída do PT e ataques

Marina Silva deixou o PT em 2009 por não concordar com a condução do governo feita por Lula. O racha se aprofundou ainda mais depois que ela foi vítima de ataques, em 2014, pela campanha de Dilma Rousseff à reeleição. Ainda no governo federal, Marina foi perdendo espaço para a futura presidente, sobretudo na questão da usina de Belo Monte — que a então ministra do Meio Ambiente criticou duramente.

traz força para a campanha petista em duas frentes: na política ambiental e junto ao eleitorado evangélico.

No primeiro caso, a ex-ministra entregou um documento a Lula intitulado *Resgate Atualizado da Agenda Socioambiental Perdida*, remetendo às ações dos governos petistas nesta área. Entre as sugestões contidas no texto está a criação de uma autoridade nacional para o enfrentamento às mudanças climáticas e acelerar a transição da matriz brasileira para energia limpa.

Em relação aos evangélicos, Marina — que professa a fé pentecostal — classificou o apoio a Bolsonaro por pastores influentes como uma "mistura complexa, delicada, de fundamentalismo político com fundamentalismo religioso". Ela também criticou as mentiras disseminadas contra o petista de que ele fechará igrejas caso eleito.

Sabatina

Horas depois, na sabatina conduzida pelo jornalista William Waack, na CNN, Lula

deixou claro que não pretende rever as privatizações feitas pelo atual governo. "Não falo em rever privatizações. Minha missão é reduzir a miséria. Preciso ganhar a eleição antes e tomar a situação", afirmou.

Lula também fez um aceno ao empresariado sobre a reforma trabalhista aprovada no governo Michel Temer. Ele assegurou que não será revogada, ao contrário do que propõem alguns setores do PT. "A gente não quer voltar ao passado, mas adequar a realidade atual ao direito dos trabalhadores."

» Em MG, Alckmin amarra apoios

Em um roteiro por Minas Gerais a ser realizado a partir de hoje, o candidato a vice Geraldo Alckmin (PSB) vai tentar amarrar mais apoios à chapa de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O roteiro pelo estado — decisivo nas eleições presidenciais — inclui Poços de Caldas, onde se reúne com empresários do turismo. Em Uberlândia, estará com representantes do setor empresarial e do agronegócio, além de entidades da sociedade civil e partidos que apoiam a candidatura petista. Em Belo Horizonte, Alckmin encontra o presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, dom Walmor Oliveira de Azevedo. Antes, porém, participa de uma reunião com a diretoria da Santa Casa e, depois da ida à CNBB, estará com movimentos sociais no comitê do candidato a governador Alexandre Kalil (PSD).

No CIEE, Ciro mantém tom das críticas

Com uma plateia de cerca de 70 jovens estagiários e aprendizes, Ciro Gomes (PDT) foi o primeiro dos presidenciáveis a participar da sabatina, ontem, do Centro de Integração Empresa Escola (CIEE), em São Paulo. Seu discurso foi marcado por fortes críticas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ao PT e ao presidente Jair Bolsonaro (PL), candidato à reeleição.

"Nunca respondi por processo de corrupção, nem para ser absolvido, e não tenho filho respondendo por nada na Justiça", provocou.

Para ele, Bolsonaro só foi eleito em 2018 pela aversão da sociedade brasileira ao petista. "Era um deputado cretino, de baixo clero, que roubava dinheiro até da gasolina de seu gabinete, tinha funcionários fantasmas. Não tinha proposta nenhuma. Por que foi eleito nesta proporção? Foi o encontro terrível da mais grave crise econômica da história brasileira, que Lula produziu, junto com o escândalo generalizado que Lula transformou a corrupção no centro do seu modelo de poder", atacou.

Violência

Ele atribuiu o aumento dos casos de violência aos dois candidatos à frente das pesquisas eleitorais, sem citá-los diretamente. Pela falta de propostas, resta a eles "excitar os ódios e as paixões". "A política não é paixão e ódio e os responsáveis por isso não pagam porque andam cercados de segurança. É só insulto e agressão, porque nenhum deles tem coerência para dizer que são a causa do problema", afirma, complementando



Para Ciro, Bolsonaro era um "deputado cretino do baixo clero" e Lula institucionalizou a corrupção

que está "lutando para desmarcar essa bomba".

É pelo fato de "a corrupção estar nos dois lados" que Ciro não votaria em nenhum dos dois em um eventual segundo turno. "Não concordo com nada que Lula representa. Não concordo com nada que Bolsonaro representa. Sou obrigado, numa democracia, a votar em um dos dois corruptos? Não voto", argumentou.

O candidato disse ainda que existe um "delírio de Bolsonaro" dar um golpe no país. "Ele gostaria de ter deflagrado no 7 de Setembro, porque misturou comício dele com as Forças Armadas", afirma. Porém, não acredita ser viável, pela falta de apoio político, social, econômico e internacional, como havia em 1964. Ciro defendeu que "se militares forem tentar golpe no Brasil, eu presidente

da república, serão enfrentados do jeito que for necessário".

À exceção de um rápido desentendimento com o jornalista Carlos Nascimento, que fazia a mediação do evento, Ciro se mostrou como a solução para vencer o ódio político, a polarização e revolucionar a economia, a desigualdade social e a educação do país em poucos anos, se eleito. Ele planeja aplicar a fórmula que usou no Ceará, estado em que governou na década de 1990 e foi secretário de saúde, entre 2013 e 2015.

A ideia é ampliar a quantidade de escolas em tempo integral e inserir os jovens no mercado de trabalho, com cursos profissionalizantes na área de informática. Os estudantes ficaram entre 8 e 10 horas na escola e teriam cinco refeições diárias. "Precisamos acudir essa juventude e só se faz com

escola tempo integral, profissionalizante, encantadora. Estou propondo uma experiência que já é realidade no Ceará, que tenho orgulho de ter ajudado a construir", afirma.

O candidato prometeu, ainda, colocar a educação brasileira entre as 10 melhores do mundo nos próximos 15 anos. Alguns dos caminhos para esse projeto são, segundo ele, a mudança da metodologia "decobreba" e a aliança com o mundo digital, a partir do treinamento dos professores. O objetivo é resolver a "contradição do jovem" de se inserir no mercado de trabalho.

"Ele não consegue o primeiro emprego porque não tem experiência e não tem experiência porque não tem o primeiro emprego. Nos primeiros seis meses, com estágio remunerado pelo governo, a gente resolve isso", garantiu.

» Ipec: petista abre 15 pontos

O Ipec divulgou, ontem, mais uma pesquisa de intenção de votos para a Presidência. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) segue na liderança da preferência do eleitorado para o primeiro turno, e ampliou a diferença para Jair Bolsonaro (PL), que busca a reeleição. Na pesquisa estimulada (quando a pessoa recebe uma lista prévia dos candidatos), o petista aparece com 46% das intenções de voto contra 31% do presidente da República. A sondagem, que captura os efeitos dos atos do 7 de Setembro, mostra que Lula subiu 2 pontos percentuais em relação ao levantamento anterior — já Bolsonaro manteve a mesma pontuação. A diferença entre os dois saltou para 15 pontos percentuais.

Guinada rumo ao Nordeste

A presidenciável Simone Tebet (MDB) passa a semana no Nordeste a fim de tentar quebrar as resistências do eleitorado — e de setores do seu próprio partido na região — e tornar-se conhecida. Nas últimas semanas, ela esteve em campanha no Sul e no Sudeste e, a julgar pela pesquisa do Ipec, divulgada ontem, pouca ajuda deram para que ela avançasse nas intenções de voto — manteve os mesmos 4% da sondagem anterior, realizada na primeira semana de setembro.

Ontem, ela começou o giro nordestino por Feira de Santana (BA) e hoje estará em campanha em Salvador. Na sequência, está marcada a ida para Campina Grande (PB). Simone ainda passará por Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará e Maranhão.

Consolidação

Mas, antes de seguir para o Nordeste, a emedebista esteve em Minas. Ela considera que se "consolidou" como "candidata da terceira via" e afirmou que suas postulações da Presidência resulta da "persistência" e "resiliência" — em mais um recado à ala nordestina do MDB, na qual caciques como os senadores Renan Calheiros (AL) e Marcelo Castro (PI) defendem apoio ao petista Luiz Inácio Lula da Silva no primeiro turno e não têm

divulgado o nome da candidata. "Já estou consolidada. Sou candidata da terceira via", afirmou, na visita que fez a Montes Claros, onde fez uma caminhada no centro comercial e participou de uma rápida reunião com apoiadores.

"Você me permite fazer um histórico? Sou a cara da mulher brasileira. A mulher brasileira é persistente. Ela é resiliente. Ela é corajosa. Ninguém acreditava. Achavam primeiro que éramos café com leite, que não conseguíramos enfrentar ex-ministros (Sergio Moro e Luiz Henrique Mandetta) naquela composição", afirmou Simone, referindo-se aos entendimentos para formalizar uma frente da terceira via.

Ela também comemorou o seu "crescimento" nas pesquisas. Disse que, em "uma semana, subiu 150%", pulando de "2% para 7%" — porém, não especificou a qual levantamento estava se referindo. Na pesquisa BTG Pactual, divulgada ontem de manhã, ela aparece com 7% da preferência, mas com um crescimento somente de 1% em relação ao mesmo levantamento da semana anterior (05/09), no qual estava com 6%.

Já no caso da sondagem do Ipec, que foi divulgado na noite de ontem, ela se manteve com os mesmos 4% das intenções de voto do levantamento anterior.